

A PATERNIDADE ESPIRITUAL E A ALEGRIA NO MINISTÉRIO SACERDOTAL

16°. ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS
– Aparecida do Norte/Brasil –
23 de abril de 2016

✠ **Jorge Carlos PATRÓN WONG**
Arcebispo - Bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários

O Papa Francisco falando aos presbíteros e bispos que estiveram presentes no último mês de novembro em Roma participando do Congresso que recordou os 50 anos da promulgação dos dois decretos conciliares, *Optatam totius* e *Presbyterorum ordinis*, declarou que a **alegria de servir aos irmãos e irmãs** por meio de uma **autêntica entrega de vida é a expressão da identidade do presbítero e ao mesmo tempo a sua missão**. Por isso, penso ser interessante entendermos melhor estas duas realidades: como se desdobra, do ponto de vista qualitativo esta **“alegria de servir”** e quais elementos devem ser elaborados durante a vida de um padre para que ele, consciente de sua identidade e das condições que lhe são próprias, consiga **viver uma “autêntica entrega de vida”**.

O decreto *Presbyterorum Ordinis*, traz um parágrafo que coloca em linha estas duas realidades citando a Primeira Carta a Timóteo: *“Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem”* (1 Tim 4, 15-16)¹. O serviço apostólico é visto pelo Apóstolo como **manifestação da meditação pessoal sobre as coisas de Deus**, e ao mesmo tempo, também é a **expressão da perseverança no cuidado com a própria vida e com a doutrina**.

¹ Conc. Ecum. Vaticano II, decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.

O cuidado com a própria vocação:

Para que isso seja possível, deve existir **uma unidade entre a vida interior do presbítero e as suas múltiplas atividades exteriores**². Por isso, é fundamental que haja na vida de cada presbítero um **equilíbrio entre a sua intimidade pessoal e as suas relações**; entre o cuidado com a própria vocação e o cuidado pastoral do povo de Deus.

Os temas sobre o cuidado pastoral com o povo de Deus e sobre a importância das relações com as pessoas ao nosso redor são bem estudados e desenvolvidos na formação permanente dos presbíteros, entretanto, poucas vezes este discurso vem associado ao cuidado do presbítero com sua própria vocação e com a sua intimidade. “Saber cuidar de si, para poder cuidar dos outros” não é apenas um dito popular, mas um dado antropológico muito importante que não pode ser ignorado.

Pensar no “cuidado com a própria vocação” **não se restringe apenas a ter mais atenção com os aspectos fisiológicos e subjetivos da vida**, como por exemplo, dormir mais, comer melhor, não trabalhar em excesso, ter mais dias livres, ter uma vida privada independente do ministério, praticar atividades físicas etc. Em especial, inclui a preocupação com aquilo que compõe a motivação de base do ministério sacerdotal, isto é: preservar momentos de oração e intimidade com Deus durante a administração dos sacramentos, por mais agitado que seja o ritmo paroquial; rever e revitalizar a vida no contato com a Palavra de Deus e com a Eucaristia; celebrar a Liturgia das Horas; repensar a relação com Deus e com os irmãos e irmãs.

Nossa intimidade está diretamente ligada as relações que compõem nosso dia a dia. Por exemplo, durante uma mesma jornada podemos viver momentos fortes de alegria, tristeza, desilusão, angústia, medo, vitória etc. **Cada história que acompanhamos na experiência pastoral, nos comove, nos questiona**, nos deixa indignados ou felizes, esperançosos ou tensos exigindo às vezes que manifestemos uma esperança à prova de toda desesperança possível. Deste modo, **o nosso mundo interior**, sempre ativo e fecundo, **se envolve diretamente com a vida pastoral.**

Não são duas realidades separadas que ocasionalmente podem se confundir por conta de um descuido emocional. Afinal, não somos feitos de papel, nem de pedra, somos homens como aqueles que ouvimos nos confessionários, nas casas que visitamos e nos leitos hospitalares que assistimos, temos um coração capaz de sentir do mesmo modo que eles e uma carne que ao ser cortada pela espada da dor, sangra com o mesmo sangue que o deles. **Ao sentirmo-nos tocados ou envolvidos com as alegrias e dores de nossos paroquianos, não significa dizer que o ministério sacerdotal esteja passando por algum momento de desajuste.** Tudo isso faz parte

² Conc. Ecum. Vaticano II, decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 14.

da vida de uma pessoa que se consagra para viver uma autêntica entrega de vida por amor a Deus e ao próximo.

Quando descuidamos sobre o que se passa dentro de nós durante uma jornada dura de atividade pastoral, frases como esta começam a ser uma rotina na nossa vida: “nem tive tempo de pensar em mim mesmo, no que senti e naquilo que vivi...” e com o tempo, podemos começar a sentir o peso esmagador da solidão sobre o nosso cansaço, ou a perda da esperança, ou a desorientação da angústia por não conseguirmos mais encontrar soluções para certos problemas, ou o aumento progressivo da raiva por não nos sentirmos compreendidos e respeitados na nossa própria privacidade. **A nossa intimidade, não pode ser uma completa desconhecida para nós mesmos, mas ao mesmo tempo, não é simples aprender a gerenciar os sentimentos, afetos e emoções que a compõem.**

A vida interior que reflete na missão:

No texto da Epístola a Timóteo, o ministério sacerdotal apresenta **um sentido “para dentro da pessoa”**: *Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina*; e **um sentido “para fora da pessoa”**: *Persevera nestas coisas*, porém, este segundo está diretamente relacionado com a interioridade da própria pessoa. O que significa dizer que a ação pastoral surge como um transbordar do coração que se dedica **ao trabalho interior de integração e de crescimento pessoal na busca pela intimidade com Deus**, para enfrentar os desafios e exigências do seu estado de vida.

Se a nossa missão é servir e cuidar com alegria do povo de Deus, é profundamente consolador perceber que somos os primeiros destinatários do ensinamento e do amparo divino, os primeiros convidados a aprender a viver esta intimidade crescente com o Senhor por meio da partilha dos momentos e dos humores do nosso coração. É esta a base da formação permanente, que gera aquela atitude fundamental capaz de conduzir à serenidade e à eficácia do ministério sacerdotal: **transmitir aos meus irmãos a alegria de partilhar cada dia de nossa vida em intimidade com o Senhor.**

Em seus discursos sobre a missão do presbítero junto a comunidade cristã, com muita frequência o Santo Padre faz referência ao tema da caridade pastoral. Seguindo esta nossa reflexão e as palavras do Papa, a **caridade pastoral se traduz na expressão da intimidade do presbítero com Cristo Senhor e Amigo, e no seu autêntico dom de si na vivência com os irmãos.**

Exercemos e vivemos o amor pastoral, quando “dentro da igreja” nos unimos a Deus através da oração, quando manifestamos um amor real pelo bispo, pelos irmãos no sacerdócio, e pelos colaboradores na ação pastoral. Ao mesmo tempo, é também com **autêntico amor pastoral** que “saímos da igreja” ao encontro

dos mais pobres e pequeninos, pondo-nos, humildemente, a serviço deles para aprendermos gradualmente quais são as exigências impostas por eles ao nosso ministério. **Isso faz de cada padre um autêntico símbolo do Bom Pastor e um sinal de unidade de todo o povo de Deus.**

Não são dois amores: por Deus na intimidade e pelo seu Povo na pastoral. Trata-se, de **um só amor que se enriquece no acolher a oferta do Amor perene e generoso de Deus, e se multiplica na oferta voluntária de amor pelo próximo.** Este é o testemunho de uma vida integrada, cujo princípio e o fim do seu ato de ser, acontecem em Deus, mas recolhem durante o tempo de sua história, uma profunda participação na vida de muitos, para que também estes cresçam em intimidade com o Senhor.

Sendo assim, a identidade presbiteral e a missão do presbítero estão profundamente unidas naquilo que é a sua vocação e, por conseguinte, **ao falarmos da alegria vivida pelo presbítero no ministério** precisamos, necessariamente, **considerar esta unidade,** porque, **não há um ministério feliz enquanto a pessoa não descobrir a felicidade pela sua identidade pessoal.**

As três realidades que se expressam na vida de um padre:

A Carta a Tito traz uma referência interessante para a escolha dos presbíteros: sejam homens que já **tenham claro quem eles são** e que **assumam com amor o cuidado daquilo que estão edificando com suas vidas,** ou seja, homens casados uma só vez e que administrem bem a própria casa (Cf. Tito 1, 6). Para o Apóstolo, estes são dois pontos essenciais de referência para quem deseja exercer o ministério na casa e na família de Deus.

Destas palavras podemos recordar três realidades que marcam a vida em família e que possibilitam a maturação e expressão da própria identidade de cada membro familiar. Estas três situações devem estar presentes com igual evidência na vida de um presbítero para que a sua identidade presbiteral seja sempre mais clara e forte, e contemple todos os desdobramentos e cuidados pastorais possíveis dentro de sua missão. São estas: **sua filiação, a fraternidade e a escolha pela paternidade.**

1. FILIAÇÃO:

Começamos a nossa história na condição de filhos e desta condição não nos separaremos jamais. Ao longo da vida assumiremos outras condições que poderão até conflitar com esta, contudo, abraçar e viver a própria condição de filho abre o homem para as demais condições que a vida lhe convidará a assumir.

1.1 Jesus, o Filho do Pai:

Todos somos filhos e foi em torno da filiação que, no seio da própria família, cada um formou progressivamente a sua personalidade e maturou sua própria identidade. Jesus é apresentado como **o Filho amado do Pai e exprime a sua filiação com gestos de profunda ternura e abandono, confiando-se inteiramente nas mãos do Pai**. Jesus, **durante todo o seu ministério messiânico, é e permanece sendo o Filho do Pai e o filho de Maria** convidando continuamente os seus discípulos a participarem na sua filiação paterna e materna. O título mais honroso exibido pelos discípulos de Jesus é de *filhos de Deus* (cf. 1 Jo 3, 2).

Por meio da oração, durante toda a sua vida, Jesus vive sua filiação de maneira intensa. **Uma oração gratuita, cuja finalidade era reforçar a sua união com o Pai**. O reconhecimento de sua filiação e a afirmação da dependência deste amor Paterno que move a sua resposta e preenche o seu coração está no núcleo da caridade apostólica do Senhor. **A união de Jesus com o Pai é fonte de alegria e de uma felicidade inviolável e duradoura**: Ele fala e o Pai o escuta, suplica em suas dores e se alegra pelo Reino dos Céus que se revela aos pequeninos; Ele agradece pela dor dividida e se alegra pela vida que ressurge, pela fé que se confirma, pela Ceia que se celebra, pelo pecador que se converte. Seguindo o modelo de Jesus, o presbítero é chamado a alimentar a sua filiação através da gratuita renovação da sua união com Deus Pai.

Jesus viveu a sua filiação com total confiança no Pai e como obediência ao seu plano de salvação: o filho que se submete a voz de seu pai. Não foi uma negação da própria vontade, não foi uma ausência de espírito crítico, não foi o efeito de uma dominação imperiosa. Ele escolheu fazer aquilo que lhe propôs o Pai. **Jesus viveu convencido do valor da confiança e da obediência à vontade de Deus**, de modo que toda a sua condição de filho fosse um contínuo diálogo com o Pai para que a vontade Dele fosse feita em sua vida.

1.2 Presbítero: filho íntimo a Deus

A união do presbítero com o Pai é parte essencial da sua missão. Nela está a base de sua alegria pastoral. Em cada momento de oração proposto pela Igreja, o presbítero é convidado a orar ao Pai, em nome de Cristo, na unidade do Espírito

Santo entendendo que **o sacerdócio ministerial se torna uma expressão da sua filiação ao Deus Vivente** que não acontece de maneira isolada, mas unida a toda a Igreja que ora ao Pai do Céu nesta mesma condição filial em Cristo Jesus. Trata-se de **uma união gratuita e definitiva, que não depende da eficácia pastoral, mas que está intrinsecamente ligada ao próprio “ser” do presbítero e a sua realização como pessoa.**

Um sacerdote que vive em profundidade a sua filiação com o Pai, transmite aos seus fiéis um testemunho forte: **confiar em Deus é algo realmente possível e não aparente**, porque sempre poderemos contar com Deus nos momentos difíceis. **A vida não se torna mais segura e mais estável quando temos explicações e respostas para tudo, mas sim, quando não deixamos de esperar na providência e de dividir as nossas angústias com o Senhor.**

Quantos homens e mulheres não se aproximaram outra vez de Deus após anos de afastamento, por causa do testemunho de presbíteros que **no seu modo de rezar, de transmitir o Evangelho e de ensinar o catecismo ajudaram o outro a descobrir Deus como um Pai que se faz próximo, interessado, atento, capaz de ouvi-los e de preocupar-se com eles.** Isso não seria possível se estes presbíteros não vivessem de maneira intensa esta filiação com o Pai do Céu.

Com grande beleza e em tom muito amigável e coloquial o Papa Francisco insiste sobre **o valor desta condição inalienável de filhos de Deus** e adverte sobre o estilo de vida das sociedades atuais que propõem como “prioridades existenciais” os mais diversos desejos do coração do homem a serem satisfeitos, ao invés de ajudá-lo a descobrir ontologicamente quem ele é, **agravando o vazio existencial que empurra o indivíduo para a falta de esperança e a depressão.** Somos filhos de Deus e esta é a nossa “carteira de identidade”. É desta afirmação que aflui a alegria por aquilo que somos. Quando recordarmos esta verdade se renovam as esperanças do nosso viver, apesar da imperfeição do pecado ainda ser uma ferida aberta em nossa existência.

2. FRATERNIDADE:

2.1 Compreendendo e redescobrimo a fraternidade:

Quando pensamos na fraternidade, quase imediatamente a primeira ideia que vem a mente é aquela de igualdade de condições e de equivalência de direitos, que pode ser reconhecida e assegurada de muitas formas: pelo sangue, pelos laços de família, pelas leis civis, pelo afeto patriótico, pela fé etc.

No decorrer de nossa vida, **a compreensão acerca da fraternidade advém, progressivamente, no desvelar-se do entendimento e acolhimento da nossa filiação.** Quando nos descobrimos filhos, vemos que aos nossos irmãos são atribuídos os mesmos direitos e o mesmo reconhecimento, ao mesmo tempo em que são solicitados a estes, os mesmos deveres. Posteriormente, descobrimos que pertencemos a um mesmo grupo familiar/social que traz consigo as mesmas origens, tradições, costumes e laços afetivos que os distinguem dos demais grupos. Após o catecismo, conseguimos descobrir que, pelo batismo, aproximamo-nos uns dos outros por aquilo que professamos. No tempo da Crisma conseguimos ir ainda mais longe compreendendo que nossas dores e dramas, lutas e vitórias se encontram sob o manto da mesma natureza humana que misericordiosamente é abraçada pelo amor adotivo de um mesmo Pai.

Jesus, unido ao Pai, chamava os discípulos de *irmãos* e mais adiante atribuiu uma sintonia ainda maior chamando-os de *amigos* e estabelecendo com eles um **profundo vínculo de fraternidade. Não é possível viver a fraternidade sem que os laços de filiação sejam fortes e estáveis**, do contrário, acabaria sendo uma fraternidade de aparências, limitada ao mero discurso. **Um claro laço de filiação, bem forte e maduro, permite ao indivíduo reconhecer a sua condição humana limitada e acolher a condição igualmente limitada de seu semelhante.** Desta forma se abre o caminho à **verdadeira empatia**, e por conseguinte, à **fraternidade como expressão de comunhão.**

Nesta desigualdade natural entre Pai e filho, se estabelece o espaço onde cada filho descobrirá como viver a sua condição de filho e aprenderá a superar as diferenças entre ele e seus semelhantes. Os discípulos de Jesus, distintos um do outro em personalidade e origens sociais, são irmãos entre si na filiação ao Pai, porque se tornaram filhos no Filho por meio da comunhão no Espírito Santo. **Na força que emana desta descoberta filial eles conseguiram celebrar a unidade entre si, apesar de tamanha diversidade.**

2.2 Fraternidade como caminho de unidade no presbitério:

A fraternidade se manifesta sobre aquilo que temos em comum e sobre o qual podemos dizer ser nosso, ou seja, sobre algo que foi ofertado a mim por um outro e eu o recebi. E da mesma forma **foi ofertado em favor de uma outra pessoa, distinta de mim, e foi igualmente recebido por ela**. A descoberta de que algo é para o outro fonte de felicidade do mesmo modo como também é fonte de felicidade para mim, sem dúvida, é a primeira experiência de participação na alegria outrem. **A fraternidade é a condição que nos dá a chance de participarmos na felicidade do outro**. Quem celebra a fraternidade, consegue celebrar a comunhão, a alegria e a partilha com a outra pessoa apesar das diferenças entre elas.

Quando existe fraternidade entre as pessoas, não ser idêntico ao outro no modo de pensar, no estilo de vida, na forma de se expressar opiniões e nas características culturais **não é um limite insuperável que nos impeça de celebrarmos juntos a vida e a alegria de viver**.

A fraternidade entre os padres é uma experiência que **começa a ser estruturada** de maneira mais profunda **durante o tempo do seminário**, onde rapazes com histórias muito variadas, experiências de vida diversificadas e formação cultural diferente são reunidos em uma mesma comunidade formativa para trilharem um caminho comum: preparar-se para dar uma resposta ao chamado de Deus à vida consagrada.

Ali, progressivamente, na medida em que vão aprendendo a reconhecer e acolher as diferenças entre eles, são conduzidos a uma maior amizade com Cristo e a uma comunhão íntima e filial com o Pai. Gradualmente seguem um percurso de maturidade, desenvolvendo os laços de fraternidade **que durante toda o tempo de seu ministério sacerdotal serão importantíssimos para que sustentem e apóiem um ao outro nos altos e baixos da vida**.

A fraternidade presbiteral é uma das mais claras **expressões de caridade pastoral**. Os padres são chamados a **amarem-se com aquele amor que provém de Deus**, que é profundamente **gratuito e ajuda cada pessoa a ser, aquilo que está chamado a ser**. Com isso ganham força entre eles os gestos que nascem de uma fraternidade consistente, como por exemplo, a co-responsabilidade, a solidariedade, a iniciativa de diálogo, a ajuda mútua etc, superando em qualidade e em ato a dura afirmação feita por Voltaire ao comentar sobre os homens religiosos: "*Juntam-se sem se conhecerem, vivem sem se amarem e morrem sem se chorarem*".

Em muitos momentos na caminhada ministerial provamos ocasiões onde nossas forças diminuem, nosso otimismo se apaga, as atividades pastorais cessam e a solidão aparece ... Em parte, trata-se de uma **solidão necessária ao repouso e ao**

reabastecimento das forças físicas e espirituais, mas em parte, resta um espaço a ser preenchido por essa presença amiga e fraterna do Senhor Jesus que nos acompanha. Contudo, não podemos esquecer o quanto a presença de um outro padre amigo é importante nestas horas como sinal vivo deste Senhor que nos acompanha e conforta. **Alguém com quem possamos dividir, com segurança e confiança, um pouco do peso de nossa vida e que nos acolha com respeito e atenção.**

2.3 Nosso testemunho como presbíteros ao Povo de Deus:

Esta mesma experiência de fraternidade, vivida no tempo de seminário e dividida durante o percurso no ministério, será **testemunho e referência para muitos fieis leigos** que, nas questões familiares e sociais que lhes são próprias, também estão chamados a viver os laços de uma fraternidade consistente, que não se restrinja a um mero altruísmo ou filantropismo social, mas, na verdade, seja um abundar de gestos de misericórdia, tolerância, paciência, compreensão, solidariedade, perdão e de todas as virtudes fundamentais na vida de um cristão.

Nossa atitude também é um sinal vivo da misericórdia de Deus na vida de nossos irmãos presbíteros mais novos no ministério, que começam a servir o povo de Deus sob o enorme peso da cobrança por eficiência para responder a todas as exigências que se apresentarem diante deles. Seja por conta de uma expectativa pessoal exagerada, ou por aquela de seus superiores, ou de sua comunidade paroquial, **eles começam o serviço ministerial sob uma tensão que aos poucos vai privando-os de viver a alegria de seguir adiante.** Nestas horas a sabedoria e o conselho amigo de um irmão no ministério, ou uma palavra equilibrada de motivação e consideração positiva de um superior são fundamentais para que um jovem presbítero encontre aos poucos o seu próprio ritmo.

Quantos dos nossos irmãos mais velhos, por toda a juventude do ministério, no zelo pelo bem da Igreja e dos irmãos e irmãs, desdobraram-se em atividades e serviços pastorais? Suaram a camisa, interromperam várias vezes as refeições e o sagrado repouso para assistir a um aflito em agonia, para atender alguém em necessidade, para não saltar uma comunidade pequenina no giro do trabalho pastoral etc. Mas quando sobre eles se abateu o peso dos anos, assim como um pai de família que olha os filhos partirem deixando a casa vazia e vê as gerações se sucederem sem sentir forte o eco de seus ensinamentos se perguntam, se tudo aquilo foi mesmo necessário e se valeu a pena. **Por um instante é possível sentir um aperto no peito e uma inquietação na mente. Porém, esta é a hora de recordar que a alegria está na perseverança e fidelidade à missão de viver ao lado dos irmãos o amor de Cristo.** Assim será possível agradecer mais uma vez a Deus por ter conseguido chegar até ali.

3. PATERNIDADE:

3.1 Recuperando o conceito de paternidade:

Este termo por muitas vezes foi tratado com certa “desconfiança” dentro do cenário da formação sacerdotal, sendo adicionado a ele o adjetivo “espiritual”. Contudo, **na experiência prática pastoral, nem sempre este adjetivo contempla a força do testemunho** paterno de Nosso Senhor, nem o zelo vigilante da paternidade paulina, nem a proximidade afetiva paterna do testemunho joanino nas epístolas do Novo Testamento.

A paternidade não se improvisa. A experiência humana de base para vivermos a paternidade vem da nossa experiência como filhos. Ninguém, dentre nós, pôde aprender a ser pai sem antes ter sido filho. Por isso, **filiação e paternidade estão diretamente relacionadas**. Todos nós trazemos uma experiência com a figura de nosso pai: para uns um completo desconhecido; para outros, alguém abstrato como personagem, mas palpável nos momentos concretos da vida através da presença de outras pessoas; para outros um personagem temível ou um personagem admirável.

Todavia, durante o nosso caminho de formação tivemos a possibilidade de conhecer, aprender e de celebrar mais intimamente uma convivência amorosa e curativa com o Pai do Céu. Com Ele e em Cristo aprendemos a abrir o nosso coração, a falar de nossas fraquezas, a redescobrir a nossa esperança, a encontrar forças para seguir adiante e a voltar a acreditar na vida. **Tudo isso não foi possível sem alguém que na sua experiência de filho nos oferecesse um olhar e um coração paterno;** alguém para quem passamos a ser importantes, respeitáveis, com quem nos sentimos realmente amados e encorajados a seguir na vida (um diretor espiritual, um reitor, um pároco, ...), enfim, homens como cada um de nós, que da experiência de filhos de Deus aprenderam a amar com um coração paterno.

O Senhor Jesus deu-nos este testemunho: sendo Filho, mostrou-nos o rosto amoroso e paterno de Deus. **Todos os gestos e atitudes de Jesus transmitiam o zelo paterno de Deus por seus discípulos e pelo seu povo.** Os Padres da Igreja e alguns hinos litúrgicos chamam a Cristo “pai”, já que o Senhor assumiu uma função verdadeiramente paterna, gerando discípulos na fé e mantendo-se ao seu lado como um contínuo ponto de referência para a identidade filial deles.

Do amor recebido como filhos de Deus, nos tornamos cheios de vida. É justamente desta experiência que se abre em nós o tempo da paternidade. A vida que agora temos não se esgota em nós mesmos, mas espera por ser dividida e oferecida ao próximo. Em outras palavras, **é escolher amar como fomos amados assumindo o compromisso de oferecer-se e de colocar-se em jogo pelo bem do outro.**

A reflexão sobre paternidade espiritual no ministério sacerdotal, às vezes aparece atrofiada, **como se a paternidade fosse um serviço de assistência ao necessitado de um conselho**, ou uma escuta em momento de crise, ou uma espécie de orientação pedagógica e psicológica. Quase sempre é vista como um momento histórico da relação entre duas pessoas não levando em consideração a qualidade e a condição de cada uma delas dentro da própria relação.

Seguindo a experiência da filiação, a paternidade também é uma relação de não equivalência. **Ela não se baseia na certeza de uma reciprocidade**, por isso **exige da parte de quem a assume um passo a mais em direção ao amor oblato**, marcado pela **assunção da gratuidade**, que se expressa no ato de providenciar de maneira gratuita, o tempo, o espaço, a atenção, o interesse, a escuta e a disponibilidade pelo próximo de modo definitivo, afinal, não se é pai só por um tempo: **ser pai é para sempre**.

Por exemplo, São Paulo na sua Carta a Filemón escreve desta forma a seu amigo falando sobre Onésimo: *“Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões ... eu to tornei a enviar. E tu torna a recebê-lo como às minhas entranhas ... para que o retenhas para sempre, não já como servo, antes, mais do que servo, como irmão amado”* (Fm 1, 10-16). Paulo vê Onésimo como **um verdadeiro filho e ele mesmo se apresenta como pai**, não apenas porque lhe transmitiu a fé e lhe batizou, **mas porque o segue com profundo amor e interesse pela sua felicidade e pela sua paz**. O mesmo amor e interesse que levaram Paulo a amar Onésimo e a gerá-lo na fé, **permanecem vivos em Paulo por toda sua vida**, e como no texto do filho pródigo, Paulo permanece como aquele pai: atento ao seu filho, mesmo na distância, e **pronto para acolhê-lo sem jamais esquecer que é o seu pai, disposto a oferecer o máximo de si mesmo para que o seu filho reencontre a vida e o perdão**. Paulo pede a Filémon que supere as mágoas e busque a fraternidade na relação com Onésimo e faz referência ao mesmo amor paterno de seu coração que trouxe Filemón ao seio da comunidade cristã.

Em suas Cartas, São João escolhe uma expressão muito afetuosa para retratar o seu amor e a sua preocupação por seus interlocutores, que para ele, não são meros ouvintes de seus ensinamentos. Como um pai que recomenda aos seus filhos a perseverança e a busca pela verdade, São João zela e orienta aqueles que foram gerados em Cristo Jesus por meio do seu testemunho pessoal. Em suas palavras, se entende o zelo que floresce de uma vida de entrega e não somente de uma mera ocupação responsável.

3.2 A força do Amor Paterno:

O presbítero estabelece com os seus fiéis uma ligação paterna, por isso lhe chamam “Padre”. Quando uma pessoa vai ao encontro de um presbítero, ela busca,

antes de tudo, a figura de Deus como Pai e se aproxima do padre para encontrar esta presença paterna de Deus. Mas como mostrou o testemunho do Senhor Jesus e dos Apóstolos, não podemos ser o sinal da presença paterna de Deus **sem que abracemos a paternidade como tal**. Em cada momento de entrega pessoal dentro do ministério **podemos sentir a força do amor paterno de Deus que sana, fortalece, liberta e abraça a vida de nossos irmãos**, e que **se realiza com igual potência na nossa história pessoal**. Quando oferecemos um coração paterno por nossos irmãos, à semelhança do coração do Pai, **provamos sobre nós a força do seu amor paterno que nos acalma, conforta, consola e ampara**.

A atitude paterna do presbítero se destaca em muitos momentos de seu ministério: no confessionário, nas homilias, no cuidado pastoral, na formação catequética, na visita aos enfermos, no amparo aos mais pobres etc. Todos estes momentos expressivos compõem a comunicação de uma disposição interior que deve estar presente na vida do presbítero fazendo-o responsável por seguir, no amor, aqueles que gerou na fé. Esta é uma responsabilidade que precisa ser renovada. **Em cada uma destas situações concretas do ministério sacerdotal, podemos assumir uma verdadeira paternidade espiritual sobre a inteira história de vida de uma pessoa** e não apenas sobre momentos pontuais.

Os afazeres apostólicos e pastorais impõem uma exigência de tempo e disponibilidade que nos envolve quase completamente **com uma tempestade de prioridades** que vão se sucedendo uma após a outra com uma velocidade quase desumana. Assim, o tempo que deveria ser dedicado a escuta, ao interesse, ao seguimento e ao cuidado do próximo (o que faz parte de uma postura paterna) acaba sendo “deixado para depois”.

A paternidade se traduz naquela presença, forte, protetora e amiga do pai ao lado de seu filho. Ele é aquele que **motiva, anima, corrige e escuta com atenção**, agregando forças e criando a sintonia necessária para que se mantenha a comunhão.

Uma característica muito marcante no ministério de Jesus foi o seu zelo pela formação. **Jesus instruiu, orientou, corrigiu, repetiu, recordou, delegou, distribuiu competências e acompanhou as atividades dos discípulos**. Ele dividiu seus sentimentos chorando junto com seus discípulos, alegrando-se com eles e em nenhum momento desistiu deles. **Todas estas atitudes caracterizaram a sua postura paternal em relação aos discípulos** e também devem estar presentes na vida dos presbíteros. Colocar em prática todas estas atitudes é algo muito trabalhoso, mas fará toda a diferença no processo de maturação de um povo cristão com uma fé mais consistente e forte.

3.3 Desafio e sensibilidade do presbítero:

Por causa da multi-funcionalidade exigida dos padres, do ritmo hiperativo de nossa sociedade e da queda no número de ministros ordenados, os presbíteros nestas últimas décadas, seja na vida paroquial, seja nos demais ofícios eclesiais, vivem **experiências pastorais mais superficiais e limitadas a um tipo de “instrução coletiva dos fieis”**, consolidando um vínculo pouco profundo de paternidade, com pouca proximidade participativa no desenvolvimento e no crescimento da intimidade dos fieis com o Ressuscitado.

A alegria do ministério sacerdotal está diretamente vinculada ao exercício desta paternidade. O celibato sacerdotal não é a renúncia da nossa paternidade, pelo contrário, ele reforça ainda mais o significado dela, porque assumimos pelas mãos do Senhor o propósito de **vivê-la como expressão da nossa total entrega a Deus e independente dos laços sanguíneos:** “por Ti, ó Pai ..., em favor dos teus filhos, meus irmãos”.

Na formação ao ministério sacerdotal é normal que se dê ênfase a boa qualificação teológica, a capacitação para as mais diversificadas exigências pastorais na igreja particular, aos espaços de diálogo que a Igreja deverá assumir em relação a sociedade etc. Entretanto, em muitos seminários quase não se fala de uma **formação ministerial orientada para a maturação da paternidade** no candidato.

A atitude dos formadores no diálogo e no acompanhamento cotidiano de seus formandos **vai comunicar e inspirar neles o advento de um “coração paternal”**, sinal de maturidade de quem está aprendendo a amar com maior liberdade.

Porém, dentro da experiência pessoal de cada seminarista, **este tema gradualmente vai sendo trabalhado durante o acompanhamento espiritual e no convívio com os padres da pastoral**, pois, é nestes espaços de convivência fraterna que os seminaristas poderão dividir suas tensões e desafios na consolidação de uma adequada paternidade no ministério sacerdotal.

Quando Papa Francisco insiste em destacar a postura dos padres na escolha pela pastoral nas periferias do mundo, ele enfatiza o ato de acompanhar e cuidar do outro onde o outro estiver, a exemplo do pai da parábola do filho pródigo, **que sai dos limites da sua casa para ir ao encontro de seu filho mais jovem** quando o avista caminhando pela estrada; **e faz o mesmo com o filho mais velho que resiste em entrar para participar da festa pelo retorno de seu irmão.**

Eis a nossa alegria meus irmãos: saber que somos filhos de Deus e celebrarmos esta alegria quotidianamente! Dividamos a força de nossa filiação na fraternidade presbiteral motivando-nos e amparando-nos uns aos outros, para que a nossa alegria no serviço pastoral seja fonte de vida para muitos.